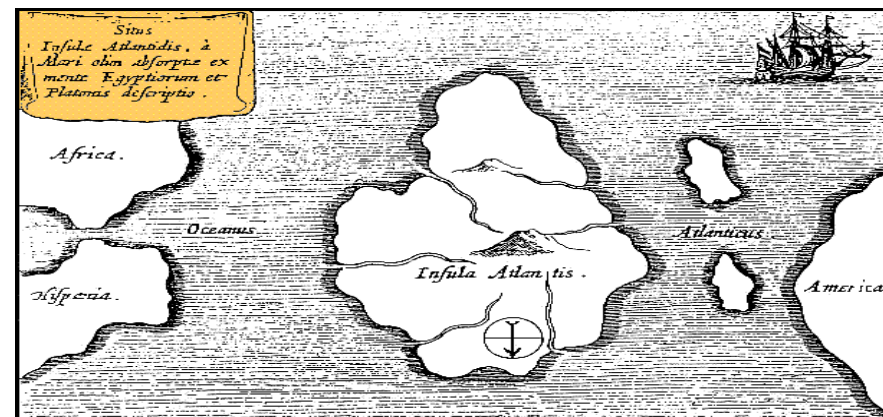


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº # 30 - EDIÇÃO dezembro 2015

DEDICADO A MARIA LUÍSA RIBEIRO



CADERNO Nº # 30 - EDIÇÃO dezembro 2015

DEDICADO A MARIA LUÍSA RIBEIRO

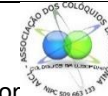
Todas as edições em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

Chrys Chrystello editou este número, Fotos © Chrys Chrystello

COORDENADORES DOS CADERNOS - Helena e Chrys Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por ©™

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA –

Revisto em janeiro de 22

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



1. Nota introdutória do editor, Chrys Chrystello

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os Cadernos de Estudos Açorianos para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes despretenhosos CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a AÇORIANIDADE LITERÁRIA, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão bilingue (PT-EN) em 2011, na monolingue em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino “9 ilhas, 9 escritoras”. Acolhemos como premissa o conceito de Martins Garcia que, admite uma literatura açoriana «*enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência*”.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu J. Almeida Pavão (1988)... “*assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental*”.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, “*a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem*”.

A AICL entende que o rótulo comum de açorianidade abarca extratos diversos de idiossincrasias:

— *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

— *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

² adotando a designação feliz utilizada por Álamoliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Nos CADERNOS já se publicaram autores contemporâneos presentes ou homenageados nos colóquios além de nomes incontornáveis:

1. Cristóvão de Aguiar,
2. Daniel de Sá,
3. Dias de Melo,
4. Vasco Pereira da Costa,
5. Álamo de Oliveira,
6. Caetano Valadão Serpa,
7. Fernando Aires,

8. Mário Machado Fraião,
9. Emanuel Félix,
10. Eduardo Bettencourt Pinto,
11. Urbano Bettencourt,
12. Eduíno de Jesus,
13. Onésimo T. Almeida,
14. Maria de Fátima Borges,
15. Marcolino Candeias,
16. Norberto Ávila,
17. Victor Rui Dóres,
18. José Martins Garcia,
19. CANCELADO
20. Joana Félix,
21. José Nuno da Câmara Pereira,
22. Manuel Policarpo (Vasco Pereira da Costa),
23. Maria das Dóres Beirão
24. Tomaz Borba Vieira,
25. Maria Luísa Soares
26. Susana Teles Margarido
27. Madalena San-Bento
28. Carlos Tomé
29. Brites Araújo
30. **hoje damos voz a MARIA LUÍSA RIBEIRO**

Maria Luísa da Cunha Ribeiro nasceu em 1960, em Angra do Heroísmo, nos Açores.

Tem dois livros de poemas publicados e participa em antologias e revistas literárias nacionais e estrangeiras.

É membro do P.E.N. Clube Português.

Alguns dos seus poemas têm sido traduzidos para castelhano, italiano, inglês e letão. Em 1985 ganhou o 1º prémio num concurso literário para jovens, promovido pela Direção Regional de Cultura, com o manuscrito *Fogo Branco*, publicado em maio de 1986, com o nº. 47 da coleção "Gaivota" (capa de Jorge Bettencourt e arranjo gráfico de Álamo de Oliveira). Foram editados apenas 1000 exemplares que esgotaram rapidamente.

Tem sido poeta da sombra.

De si diz: «*sinto pudor e guardo o que escrevo; não gosto de sessões de lançamento de fato e gravata; gosto de estar na sombra; gosto de estar no nevoeiro; a única maneira que tenho de falar de mim é escrevendo*».

Tem poemas seus incluídos em duas antologias de poetas açorianos (*Pai, a sua bênção* e *On a Leaf of Bleu, Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry*).

Também escreve contos.

Publica esporadicamente em revistas literárias como [Alhucema](#), *Storm-magazine* e *Seixo Review* ou em jornais regionais.

Em 2004 fez uma *Ex-Posição de poesia*, no Centro Cultural de Angra, intitulada “Uma pequena porção de noite”.

Em março de 2005 a editora Dauro, de Granada, publicou o seu segundo livro [Outros Frutos](#), incluído na conhecida coleção Ex-Líbris e que reúne poemas de 2003 em versão bilingue.

Desde junho de 2006, Luísa Ribeiro, dá vida ao blogue [Um Abismo](#)



Esteve presente no 20º colóquio em Seia 2013 e no 21º colóquio da lusofonia 2014 Moinhos de Porto Formoso e foi incluída na antologia no feminino 9 ilhas 9 escritoras de Helena Chrystello e Rosário Girão.

2. Bibliografia

(1985). *Fogo Branco*. col Gaivota

(2003) in *Antologia On a leaf of Bleu. Anthology of Azorean Contemporary Poetry*.

(2005). *Outros frutos, bilingue espanhol*, ed. Dauro. Granada

(2013) “Caderno de Caligraphia e outros poemas a Marga”, 20º *Colóquio da Lusofonia*, Seia

(2014), Apresentação da obra *Antologia no feminino: 9 ilhas 9 escritoras*, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras

(2014) in *Antologia no feminino: 9 ilhas 9 escritoras de Helena Chrystello e Rosário Girão*. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras

Atualização da bibliografia em

<https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-q->

<a%C3%A7orianidade.html>



AICL - Caderno de estudos açorianos nº 30 - MARIA LUÍSA RIBEIRO -



20º colóquio da lusofonia Seia 2013



Seia 2013

3. BIOGRAFIA

Sépia com mar ao longe

Nasci no segundo andar duma casa numa rua da cidade de Angra, onde não havia o perfume das laranjeiras, nem o cheiro a relva acabada de lascar.

Uma casa com janelas viradas para outras janelas de outras casas iguais; casa de muitas tias, com Pai e Mãe e onde a única sombra me era dada pela magia dum irmão mais velho – irmão que me enchia os olhos de livros e medos.

E foi neste meu pulsar de criança que se espalhou a luz e que, num segredo noturno, fui procurando as curvas das palavras que melhor desenhariam um fecundo percurso de lágrimas.

Aprendi o monólogo.

E, sem nunca deixar a cidade onde nasci, limitei-me a passar por estes enigmáticos canais – veias da vida – exibindo sempre o desejo de transformar beliscões em carícias e de, ao fazê-lo, ir dando ao papel o verdadeiro encontro com a existência.

Não fiz mais do que me agarrar à lua, para espalhar o sangue e receber as pedras e brincar ao fogo e acumular as raízes e alcançar a infância dos filhos.

Sou aquilo que o tempo exige que eu registre: quando encontro a claridade procuro a sombra para descobrir o desassossego e quando encontro o desassossego, procuro a claridade para perseguir a sombra.

E neste vento, às vezes tempestade, passei quatro décadas sustentando a ilha num eterno passeio entre a terra que me gerou e a terra que me receberá, num dia de sépia com mar ao longe.



POEMAS

sábado, abril 25, 2009

1. 25 DE ABRIL

um cravo é um cravo
mas um cravo atravessado nas mãos do meu Pai
é uma revolução

quinta-feira, novembro 27, 2008

2. ÚLTIMO BEIJO

venho atirar
as pétalas do outono
- encher o teu chão
com o vermelho melhor do campo
:lábios bem tintos

quinta-feira, outubro 30, 2008

3. AUSÊNCIA

não há mundo
:só a tua festa
as covas genéticas

e este castigo secreto

segunda-feira, setembro 29, 2008

4. AULA SOBRE PAIXÃO

um dia iluminado e pintado com rosas
enche a minha agenda com sorrisos

_____ o teu _____ nome religioso
faz a oração perante lençóis
de linho tecido e bordado
no altar da paixão

somos anjos e feras

quinta-feira, setembro 18, 2008

5. JARDIM DO MUSEU

peguei na maçã já
com a primeira dentada
: assim tive a sobra
para comer deitada
nas lajes frias húmidas

terça-feira, setembro 16, 2008

6. INFÂNCIA

as tuas palavras sabem
a sumo de laranja doce

_____ aquelas das árvores do teu Pai

e lembram as pedras
onde sangravas os joelhos
morenos

segunda-feira, setembro 15, 2008

7. TÍTULO INCERTO

setembro é um ferro quente
sem milagres é
uma arma que a estação guardou
para me rebentar o coração

sábado, setembro 13, 2008

8. OPERAÇÃO

escrevo-te um fragmento da minha pele
dou-te um pedaço de medula
um rim o sangue

transpiro o teu medo
e choro as tuas dores:

quero para ti os pés que calcam
as múltiplas flores do mundo

sexta-feira, setembro 12, 2008

9. A NATUREZA DO TEU OLHAR

tantos cravos à volta dos teus olhos
fazem o jardim e os sulcos
aproximam a tua expressão
do exuberante animal puro
e livre

deste olhar tiro o poema
e do meu sai uma cascata
de pétalas

terça-feira, setembro 09, 2008

10. ÊXTASE

quero fugir
com os teus dedos
dentro

domingo, setembro 07, 2008

11. FUSÃO POSSÍVEL

atravesso um quintal de lua
e morro quando entro no escuro
dos teus belos olhos

quinta-feira, setembro 04, 2008

12. CANTEIRO

há
uma nuvem caída
nas flores de setembro

quarta-feira, setembro 03, 2008

13. JARDIM

sou o teu animal ao fogo

quarta-feira, abril 23, 2008

14. ÚLTIMO QUADRO

- troco a minha língua pela tua e tenho
um di/amante no peito, pequena pedra dura e brilhante:

tira-te de mim como quiseres

domingo, abril 06, 2008

15. DESEJO- Para João Barrento/ Balthus

- sabes que me deixei sonhar, sentada na penumbra das cadeiras, pernas geladas e tentando ler o livro, que muitas vezes me tapava e arreliaava os seios? e tu, nessa ausência de mil horas
- mas que saudade é essa, se te ofereci seis posições onde podes aventurar os meus dedos?
- sim, doce cavaleiro. setenta horas de silêncio é uma tempestade, é um caos, um soluço, um ter-me feito a ti com a suavidade do fruto

quarta-feira, março 26, 2008

16. ARDE OUTRA ÁRVORE

- vêes? comecei a sentir uma espécie de fogo pegar-me a ponta da saia e depois a navalha da saudade entre os seios; as tuas mãos a virem plumas plumas, a lareira ateadas, os teus dedos plumas de música, e num pânico, sabes aquele medo de tecido queimado?,- arranquei tudo até ao lençol onde se deitavam aquelas papoilas. e agora, aguardo-te
- sabes que sou um fruto que só se deixa cair no tempo certo
- o que é o tempo certo?
- é assim: agarro-te e é porque tenho medo que morras antes de mim, antes da explosão da minha carne quando chega à tua, para juntos afagarmos a terra
- e esta nudez sem papoilas, este outono? lança-me o teu sol e canta

segunda-feira, março 24, 2008

17. HORA DO SONHO

- ah, ficaram lisos os meus cabelos acariciados pelas tuas mãos pequenas e tu não sabes, mas enquanto os apertavas e te detinhas no meu crânio, fui colher flores, num sonho, num instante
- dei conta do teu deleite e saberás que nesse momento era no meu corpo que se erguia a árvore do mundo? e saberás também, que era a mim que colhias?
- cairei no teu chão, tão calmo és, pelo prazer de me sentir levantar e se não me deres a mão para depois me sentares no teu colo, desce então aos meus pés e ata-me neste silêncio de tinta

terça-feira, março 18, 2008

18. OUTRO ATO DE AMOR

- sou um livro aberto nesta cadeira encantada e não entendes que o fogo que aquecerá a casa, não é esse que na lareira agora tentas?
- deixa que o calor se instale e já trato de te descascar, figo da minha vida
- estalo há horas, o meu vestido está cansado de esperar um dedo teu que chegará e que tudo fará para que em qualquer dos meus tantos fundos, se instale. o quarto arde porque eu ardo e não porque me viras costas e investes, teimas, em aquecer de vermelho as paredes e eu aqui. e eu aqui sempre. sabes de que quadro falo?

domingo, março 09, 2008

19. ESTAMOS FECHADOS NA VIDA

- sentes, ó divino, o cheiro que me contorna quando enfio os olhos nos teus lábios e fico uma borboleta a espreitar a tua mão fechada?
- queres música? ou que lance primeiro o dedo no mapa do meu corpo?
- tanta terra. são abundantes os teus sulcos e quero derramar-me, um a um. quero que tu vaciles

entre uma montanha e outra, enquanto escalas
a lâmina da minha carne
para mais tarde caíres

domingo, março 02, 2008

20. UM POMAR DE CARNE

- não sei imitar a tristeza, agarrada nestes lençóis de veneno
e asas de anjo, ou são flores do paraíso as que me entrelaçam nos cabelos?
- cala o arco da tua boca sumarenta e aproveita este ramo que te estendo,
todo orvalhado, pobre de mim, que fui feito para te receber. lembrás-me
sempre as laranjas apanhadas pelo meu pai, na casa de campo. sinto, por ti, a gula
da infância
- é o que nos faz parecidos, talvez, com o chão: camada mais funda e abundante.
não sei não sei. cada vez mais não sei o rio do instante

domingo, fevereiro 24, 2008

21. DEITAR-ME NESTE VENDAVAL

- esta noite quero o caos, não esta língua
que me dá a volta à cintura, nem esses teus olhos
de barro que tentam, tão vorazes, que eu não sinta
medo do mundo
- mas perdes lágrimas? deitas às feras a força que
te dou?
- não te preocupes. quando o sol começar a furar
as paredes do quarto, já estarei aberta: feliz nos teus ramos
frondosos e terei a pele orvalhada, os cabelos enlaçados
nas tuas folhas frescas
- estaremos exaustos de chover um no outro e
o teu medo não passará de mais uma das estações
em que nos aguardamos

domingo, fevereiro 17, 2008

22. DÁDIVA

- estendo a minha carne ao teu orvalho e não te peço
mais do que isto: que me deixes
ser eu a penetrar a tua raiz com o tempo todo
de uma estação de vivaldi e a tua árvore
com o seu odor verde derramará
o seu doce e alvo mel

sexta-feira, janeiro 04, 2008

23. NOVA ORTOGRAFIA

faz-se alguma confusão
com o novo acordo ortográfico
e com a palavra amor

escreve-se acompanhada
pelo teu nome ou basta
chamar-te?

quarta-feira, janeiro 02, 2008

24. REPETIÇÃO DOS DIAS

o medo com as suas rosas
selvagens é o rubor da esperança
e do nada _____ uma caravela
passada faz-me sentir na segunda
vida

sexta-feira, dezembro 28, 2007

25. PRENDA DE NATAL

sou a tua menina dou-te
um pé de flor uma curva
de mar ou anca. e o tempo:

com luz e chuva e os rios
do verão

terça-feira, dezembro 04, 2007

26. À NOITE

as vozes da carne chegam
mais longe do que a música
do poema

segunda-feira, novembro 26, 2007

27. INSÓNIA

meto-me na madrugada a cantar
a gritar _____ a ladrar o teu nome
e danço para que nesta ficção de véus
me sintas subir ao teu mais alto
ramo e em mim encontres as pétalas
deslocadas no ardente e ingénuo
desejo de um beijo

domingo, novembro 25, 2007

28. NOITE MAIS ESCURA

cheira a chuva no sobrado restaurado
deste quarto e é nele que estendo
as folhas da língua

à procura do teu corpo

esta é a casa da infância:
há um bolor onde abro
as gavetas da saudade
e delas saem as facas
desta inocente vontade de te amar
em colchões de pó

a verdadeira terra era a da tua
casa de campo

sábado, novembro 24, 2007

29. BOTÂNICA

cresço a erva que sou
rente ao teu caule

sexta-feira, novembro 23, 2007

30. VESTIDO NEGRO

visto-me com as cores
das capas dos teus livros
e ninguém percebe que amo
a verve nos teus poemas

talvez venhas e tires
aquele que me esconde o coração

31. ESPELHO (2004)

nunca tinha visto os olhos que tinha a luz

o cómico traço das sobrelanceiras em til os lábios
distorcidos salivados o rosto ossudo e triste nem nunca
passara num vidro ou num sítio onde houvesse sombra.
era daquelas pessoas que nunca viram o mar
só que neste caso era dela que se tratava:
nunca se vira
mas um dia tudo acontece e parece um sonho de diabos e de bruxas
um dia é difícil perceber a lógica: quando se passa a vida no estranho
e no silêncio dos mais elevados muros
conhecia bem as mãos os pés o resto do corpo
tinha até uma noção do cabelo porque era grande e deixava-a ver cor
a densidade mas o rosto não
o rosto sabia a segredo a musgo às vezes a fogo
outras vezes a nada

mas um dia daqueles em que tudo acontece vai ao lago
e parece um sonho encontrar alguém que não conhece e que anda
por ali a apanhar pedras – o fruto dos poetas então os muros caem
na tempestade que dá luz ao encontro e é destes muros
que o poeta colhe a pedra

32. NOVE SEGREDOS SOBRE A MANHÃ - Prefácio

A página está em branco e não é página digna do nome que lhe dou. É vidro. Ecrã.
Tem luz baixa e fere os olhos pretos.
Eu tenho demasiado sono para escrever papel. Mas quero esquecer o pesadelo da
noite e da morte e por isso obrigo-me às letras e penso nas árvores que são os
amigos.
Para me aquecer; para que me tirem o pavor de me perder no tempo, sem um
cheiro específico. Escrevo-lhes

33. Um Segredo

Vivo intensa alegria nestas manhãs de palavras cruzadas, onde sílaba a sílaba
rebenta uma tempestade de sons e significados e ilusões; e rebenta uma súbita
vontade de voltar a escorregar nos brinquedos de criança, e uma luz quase gráfica e
um cheiro a cores, e um barco de papel.

Estudo a gramática do poema e repito.

Tiro o véu e repito.

Os meus cabelos ficam leves e leves e mais leves, enquanto cruzo a manhã viva.

Repito a alegria intensa da palavra que é: um segredo.

34. Dois Segredos

Ouçó tudo e mais

do que dizes.

Escuto além da palavra:

o som crepuscular

do silêncio mais vasto.

Ouçó tudo:

reticências

suores

bater de cílios

os dedos

o estremecimento da grafite

o lento desenhar da tua sílaba

35. Dois Segredos e meio

O lento desenhar de ti, quando saís da manhã e iluminas a penumbra como um
fósforo.

E os teus olhos quase me acendem o cigarro pousado no descanso
dos lábios por abrir

tenho a boca fechada num grito os dedos mergulhados
no teu copo de vinho
no teu corpo divino
no teu corpo de vinho

os dedos trancados no desenho que fazes de mim
e as palavras que apago num medo de miúda
chegam-me tardias num eco transparente

será o vento que te atira para os meus cadernos?
ou o verão que estala quando te bato à porta?
não sei o que se vê
olho mais para trás das árvores e vejo

mais facilmente o nada
e o nada vai minguando minguando minguando
Ou são as árvores que vão crescendo
e a miúda dentro de mim teima em sair
ao escurecer

a menina quer tirar o véu menos colorido
quer mostrar o escuro dos olhos
quer ler o poema em voz alta
e ficar um pouco sentada até ao limite da árvore

a menina não sabe o que escreve – unicamente roda e roda e roda à volta da tarde
que cai
e a menina pensa que está presa numa folha da árvore

qual será?
qual será?
qual será?

36. Três Segredos

*Qual será a mais bonita
que se vai esconder?*

As folhas são verdes assimétricas frescas
tapam o rosto da menina
e a árvore está onde a menina estiver:

ambas presas num ponto
de exclamação
do poema

nesta paisagem
não existem reticências
parágrafos
sinónimos
nem raízes

apenas luz

a luz que passa
entre a árvore e a menina

37. Quatro Segredos

Quatro quartos vazios
na casa branca

quatro quadros vazios
na parede branca

- o piano estende-se ao sol do pátio

38. Cinco Segredos

A loiça lá de casa, está toda na máquina de quebrar gelo e o gelo está na máquina de fazer café. As panelas estão trocadas, no fogão. Uma tem sabão a aquecer, no lume.

Outra tem uma folha de palmeira em dois litros de água.

O copo de vinho, tem chá preto e os guardanapos de papel, têm os teus lábios presos com goma-arábica.

Movimento-me no aperto duma cadeira de ferro; acendo velas com os dedos feridos e queimo os lábios numa chávena com veneno.

Sou alérgica ao vento.

Uma mancha de sangue alastra-se na minha pele, apressadamente e eu corro e corro e parto os pés nas pedras agudas do percurso. Ninguém me salva. Mas todos se agigantam, num macabro gesto de despedida.

Não quero ser carbonizada. Grito. E grito tanto que os dentes se estilhaçam todos na minha boca. Agora há sangue. Sangue que vive no sonho.

E os filhos estão longe. Não lhes posso passar a mão uma última vez. O coração está em chamas. Arde. Arde com o teu nome dentro, enquanto me caem os dentes.

A terra é mole e eu corro na terra que é mole e afundo-me e sujo-me e fico preocupada porque vou morrer suja e não sei acordar-me.

Depois passo para ti. De ti, passo para mim e não me aguento a mim própria. Deixo-me cair e é do poço que grito *jardim*.

Agora vivo o verde, agarro árvores, agito flores, mas há um tanque fundo.

Irei cair?

É a morte?

Acordo.

Estou entre lençóis com papoilas. Entre o teu corpo quente e a janela trancada.

Nada me tira daqui esta manhã.

39. Seis Segredos

Há uma lua nesta manhã de luz.

Custa-me acordar, porque me custa sair de mim, voltar ao exterior, ao dia demasiado

azul, ao barulho, ao sol sem tempo.

Mas, esta manhã há algo semelhante à noite, ao silêncio, ao teu rosto dentro do meu rosto e é segura – a manhã – para passar à festa de ti.

A lua está a cair, mas recorta o céu, sobancelha horizontal, no teu rosto oval. E dói-me sair do calor nu onde me aninho- mãe da madrugada.

Curvo-me então. Apanho o silêncio com que faço o itinerário de todos os dias, como quem junta frutos para matar a fome. Para matar o tempo que falta queimar. Para matar a morte.

Sou obrigada à água, à roupa, à rua.

40. Sete Segredos

Receitou-me litros de água fria
calma e muita paciência
para aguardar a explosão:

separação dos teus olhos
imenso desenho solar.

(Mandaram-me ao especialista e eu fui)

41. Oito Segredos

Há nesse rosto de pétalas
uns olhos medicinais
uma melancolia
e um som de água

és a curva da terra
que se move no espaço
e recorre às minhas mãos abertas
para soletrar a estrela

e o poente

42. Nove Segredos

estou sob a mesa da cozinha
onde os miolos se juntam aos pés
e a gata janta

um calor ao pelo
uma cor quente
e a toalha às riscas
ajuda a onomatopeia

não há outra legenda para o poema

OUTROS SONS SOBRE A NOITE

43. Primeiro Som

Um murmúrio
um adjetivo
um lento escorrer do nome
na noite

encontramo-nos à saída
de nós
e a festa corre-nos
nos olhos

44. Segundo Som

Andante
jazz
clarinete

o teu piano preto
volume máximo
e no escuro

a morte corre

45. Terceiro Som

Gostava de te chamar um superlativo
subtrair-te os limites do nome
ter um acrónimo

pô-lo ao peito
em jeito de colar

46. Quarto Som

A miúda é esta rapariga que me chama
do fundo da história

o objetivo da menina
é romper o sol
complicar as estrelas
cravar o hífen entre o caminho
e o céu

e dobrar a suave esquina
da terra

47. Quinto Som

sol
silêncio

água em pedra

48. Sexto Som

quero este tempo à tua rota
entrar no dia à tua espera
e ter os pulsos abertos

flor vermelha
na tua rua

49. Sétimo Som

espaços de sal
sorvem a manhã

outra especiaria
do silêncio

deslizo ao teu lado
um barco no fundo
enquanto o abraço cheira flores
e poemas

50. Oitavo Som

: a tua voz
no fundo breve do dia
anónimo

51. COME O CORAÇÃO

gosto que me arrastes me ponhas ferros
me desafies me faças
brava investidora e deixo
a jaula: ou cuidas de ti
ou não sobras: desfaço-te em líquidos
bebo-te e dou contigo em animal

e quero ser igual ao sangue: trata-me
como um toiro: um bicho feroz: um musgo
das grutas onde o amor é a morte

52. ATRAVESSADA, A. H., 2004

A carne é para a morte e mesmo que o azul faça fumo e desmaies nos brancos
ninhos, não atinjo a nuvem nem o pranto que libertas. Sou uma menina
entusiasmada com a sabedoria do teu colo.
Chegaste quando eu estava de partida. Aprendera há muito todos os êxtases, todos
os gritos, todas as quedas e nos olhos tinha tudo pronto para o deserto. Mas houve
uma palavra tua. Nem sei onde estavas. Numa península de medo? Numa dor
passada aos olhos escuros? Recebi as tuas lágrimas no mesmo momento em que te
pedia os lábios para poisar os meus, saturados de curvas secas.
Não sei o que me pedias em troca desta sede.

Fico afogueada quando me inspiras. Deste-me o olhar trancado, brilho misterioso e silêncio. E não entendeste o mal que me fazia receber essa luz dolorosa de quem tinha a morte nas mãos e ao mesmo tempo a euforia do sangue espalhado por feridas imensas que jamais ousaste contar.

Fui passear para fugir de ti, mas enfiei a dor numa luminosidade cambiante, que nunca mais apaguei na alma. Quando te quero recuperar acendo essa imagem – a única real que me deste durante meses de amor – e escrevo-te.

Escrevo-te poemas de carne e músculo ávido e faço diários onde entras com um sol estimulante que me põe em alvoroço e me restitui o esplendor perdido no tempo. Tenho a pele de quem recebeu décadas de sol e os ossos vão perdendo a rigidez, ostentam um corpo desanimado, velho para o amor.

Tu, que me poderias lavar o sal deste suor noturno; que, com esses olhos suaves e medrosos, me acenderias o fogo na água; tu, que me poderias dissolver este coágulo de raiva, oferecendo-me o vinho das tuas veias, estás ausente e nem sonhas o quanto vivo e atraso a morte, na esperança de te encontrar no abraço que nos fará um.

Quero ser uma contigo. Fundir toneladas de lágrimas iguais às que roubo nas tuas noites abandonadas; misturar as salivas, nossos velhos vinhos isolados nas caves, nossas mães.

Há um destino preso nesta teia de acasos.

Quando chegaste, desfizeste-me a agonia para a última viagem. Mas dói estender os braços e dói estender o corpo sem encontrar o espaço penetrante do teu. Onde estás? Porque não te deixas prender nos tentáculos que te estendo? Porque não te atiras para o abismo que te ofereço? Ouço o pânico nas palavras que me ditas. E vejo-te avançar e recuar, recuar e avançar...

Sei que te queres perder na seda branca dos meus dedos, que amas as peles, as rugas, os acidentes, os pés cansados, os pulmões doentes, as árvores centenárias. Sei que estremeces com esta tempestade invasora, que procuras o fundo escuro, que escorregas nas flores do meu corpo dado ao vento; sei que desejas mãos sedentas no teu tronco, bocas húmidas nas tuas vértebras. Que talvez ames este amor que te eriça os bambus quebrados, esta dor roxa, que me mata.

Deito-me contigo, mas nunca te vi.

Acordo dentro de ti mas nunca te toquei.

Vou ao céu, ao inferno, ao centro da terra e inundo-me nas tuas águas mas nunca colhi as folhas da tua nudez. Nunca um dedo amanheceu na tua carne húmida e todas as manhãs abro os olhos nos teus feridos.

Vivo de visões. Expludo nas tuas veias por percorrer. E choro e depois grito *meu amor, meu amor*, amando esta preparação para a morte.

E sei que ouves; sei que me entendes e me sorves, e que te aproximas, cheio de medo, e que abres o peito, apalpas raízes, lambes o meu sangue e mastigas o meu sal. Louco e morto.

Amas a morte, a pele que já não brilha, o músculo descido, o dente cariado.

Enternece-te a secura, o resultado do eletrocardiograma, o coração ainda bravo, a seiva que brota deste fruto inviolável que sou, que és, que queres ser em mim.

Quanto tempo nos sobrá depois de mortos? Quero dizer: que importa que um dia uma veia entupa? Que a carne gele? Que os pés se firam numa pedra? Que importa o fim, se a memória tem registos eternos?

Nunca te vi e nunca te esquecerei. És o abrigo, após tantos asilos. O espaço onde me aperto para caber; o azul da onda que me leva dentro, o líquido desejo de arder. És, e basta-me.

Neste tormento vivo de ti: aqueço-me no teu fogo humano, lavo-me nas tuas lágrimas, seco-me na tua respiração e encontro o perfume das estações nos teus dedos hábeis.

Nunca me tocaste, mas tocas-me. Abres-me o círculo onde escondi a vida e assim me derramo pelo teu corpo; assim espalho o amor e a dor, assim engano a morte. Contigo morrerei mais próxima do céu, da areia e do mar. Morrerei no fundo da tua paixão sem limites: morrerei nos teus abraços tórridos, nos teus joelhos magros, isolada entre as tuas pernas – uma ilha, dentro do mundo.

Orientas-me para o fim e agora sei que as mortes são momentos serenos, cumes sem dimensão, fumo natural que se dissolve na luz. E o corpo, uma aura, uma árvore carregada de frutos.

Apanhas-me. Colhes-me na tempestade e levas-me para o teu chão: abres-me com os dedos, devoras-me. Os teus dentes são facas e escorro dos teus lábios, e sou apenas sumo. Bebes. Vergas-me no canavial mais antigo, levantas bandeiras dentro de mim, edificas-te e não me deixas ruir.

São perversas as nossas posses: damos em vez de tirar e damos tudo o que temos de mais interno, de mais húmido e telúrico. E ao darmos esta matéria inflamável ficamos ainda mais nobres, mais sérios, mais febris.

Atravessas o meu coração sem sombra. Não fazes ruído. Chegas, leve nuvem que me envolve, pões os braços em volta das minhas sílabas, sabendo o silêncio que as divide, a dor que as descontrola e as faz sussurro doce.

Digo o teu nome: nada. És o nada que me ocupa a voz; o espaço que ninguém vê, entre o que sou e vou ser: morte. És a dolorosa captação do vazio à volta e ousar ver-te é conhecer o trilho para o fundo, para a luz. É ter asas obscenas: voar onde o medo não habita, só o caos. O doce caos de te sobrevoar por baixo e ao lado e de frente e por dentro.

Gosto de não te ver: a tua invisibilidade é onde melhor deposito o meu corpo. Pois que tudo um dia será ausência, fumo e osso. E a memória, tão pouca. Talvez nem seja necessário juntar à carne esta porção de cinza. Nem elevar o silêncio ao estado definitivo da morte.

O sol resgata-me do frio.

53. ABRE UMA PORTA

comes onde o sol não me pintou e transformas
em mel todos os líquidos aprisionados
no corpo.
do sangue fazes magia
do sémen alegria

entre um dedo e outro
o escuro triângulo abre uma porta
para o templo _____ coração
onde te guardo

à entrada está uma uva rubra

comes
o sol nunca a tocou

54.

CHOVE na glória expressa dos teus
olhos e uma ave quebra

o rumo para mim

partes pedaços de estrelas
não permites a lua
cheia e as nuvens obedecem
ao fogo da saudade

não me sei submeter ao sol
sem a sombra do teu
corpo

55.

TENS DUAS MÃOS quentes
dez dedos escuros podiam dedilhar
o meu corpo devoluto
tens um coração e dois
olhos como toda a gente mas não sei
o que te reveste de tão puro que ficas
parecido com a lua

56.

O MEU CAMINHO é o meu ninho.
durmo nas paredes mais largas, cubro-me
de folhas que sobraram à última estação, sento-me
em sobras de troncos, respiro
a aragem deixada pelo voo dos pássaros
e vivo.
Estou só e ferida.
Os gatos arranharam-me numa brincadeira
perigosa, os pássaros debicaram-me aflitos
e tu não apareceste

para me salvar
da intensa exposição solar.

57.

UMA PEQUENA porção de noite
duas ou três estrelas
mais um fio de lua
crescendo e os teus lábios
ajustam os meus.

58. SEGUNDA-FEIRA DA SERRETA

um passeio na falésia
da ilusão, é a minha vida
uma folha de tília
para guardar a promessa. choveu
perfume nesta peregrinação
ao Olimpo - nada posso fazer
à face molhada, que te exponho,
numa atitude de giotto

59. RUA DE ÁRVORES COM GATO BRANCO

uma luta grade domina a sépia dos pátios
e obedece à sombra reta na rua dos gatos
com árvores frescas ruinosas. como se uma árvore
fosse matéria de ruína e uma ruína fosse um gato
na rua, junto aos pátios frios
e, tu, Túlio, gato branco, atravessasses súbitos saltos
para atacar o silêncio da rua com lua e árvores.

é aqui que os cães te ladram
enquanto destilam ruinosos símbolos de viúva
e é de mim que eles não te expulsam:
é desta rua e destas árvores que foges mais branco.

és o animal que pula do meu colo
assustado por um passado de dedos cruéis,
fechas os olhos num único risco e pergunto-me
quando serás capaz de florir no meu jardim,
e ficar sob as minhas mãos, escolhendo nelas
a tua casa, cheirando em mim o abrigo feliz.

60. DESEJO

flutuo à volta da tua imagem
e não encontro um erro:
apenas o veludo onde me apetece
esquecer os lábios

61. O TEU OLHAR

O perímetro da tua íris
é de dois milímetros
tens vinte e três sinais no rosto
umas pestanas com meio centímetro
e uma testa que aceita o comprimento
do meu polegar.
Nestas medidas
alinhas o sorriso do rapaz
que percorria o horizonte por escalar
e ainda ostentas a expressão

de quem olha para além da fuga
enquanto o tempo te vai passando.
Os dois milímetros escuros das tuas íris
brilham tanto que me posso ver
refletida nos teus olhos.

62. O MISTÉRIO DOS LIVROS

O teu corpo esconde o mistério
de mil livros - a justiça das leis
por incendiar, nesta honesta batalha por ti.
Mas eu não tenho armas.
Só luto com os dedos doridos - procuro
a tua forma original, o dilúvio, a lava que se encobre
na pedra fria que me cerca.
E o teu corpo, sob a roupa, estremece
em cada letra que te escrevo
com pseudónimo.

63. OS ANOS MAIS PEQUENOS DA VIDA *Luísa Ribeiro, A.H., 2004*

Por hábito sentava-se junto às raízes, sob as folhas, entre a terra e a terra, e
tentava-se pelo silêncio, desde que os pássaros deixassem a calma azul ser um fruto
real.

Ia para a infância. Nadava no profundo mapa da memória, para resgatar ao sal as
lágrimas e as corridas velozes nos pomares da casa onde foi feliz. Sim, feliz. Porque
se pode depender duma saia esvoaçando nos troncos escuros das árvores; da
simples brincadeira de esconder o corpo na relva selvagem; da terra, nos joelhos
esfolados.

A mãe brigava sempre que atravessava a porta principal, com as meias rasgadas e
os sapatos carregados de pedras, mas ela divertia-se assim, como se transportasse
duros cachos de uvas e, já sabia, correria à pia a esfregar os olhos apressados, antes
do grito materno invadir o seu espaço celeste.

Não havia muitas crianças para os ciclos das tardes. Apenas o primo e, às vezes, o
irmão. Mas os outros, os imaginados, eram sempre os que melhor se ajustavam à
folia
incansável. E esses eram tantos quantos queria: o menino de chocolate – rapaz
doido, sem idade, que rolava os dias no fundo do quintal, com as mãos enterradas
na humidade das roseiras imortais; o Raimundo (esteve para o chamar de
Goldmundo) que batia os joelhos como se fossem castanholas e andava com os
olhos virados para o mar, à esquerda; o Bola de Neve, que era o melhor, o mais
amigo, o mais branco, o mais maleável, e que queria ser azul quando fosse maior...e
tantos outros.

Sempre rapazes, porque as raparigas, mesmo as inventadas, tinham as tranças
alinhadas ao centro e as meias que usavam até ao joelho deveriam regressar a casa
mais imaculadas do que quando saídas da corda atravessada sob a latada.

A latada preenchia a maior parte do espaço reservado à memória. A latada e, lá ao
fundo, o mar. Travessia mágica para o outro mundo. Ali, quando pousava a
inquietação das pernas que desenhavam trilhos impensáveis virados para dentro,
deixava abrir o coração ao mesmo tempo que os olhos paravam, ora desmanchando
uma nuvem, ora pintando o espaço à volta dela.

Não poderia definir, se lhe perguntassem, os contornos da paisagem que sabia ao
detalhe. Mas nunca lhe perguntavam nada e por isso, nem tinha que se preocupar
com o registo do mínimo momento. Vivia livre; se livre é este abandono e este
silêncio de pássaros.

Seria sempre uma menina parada no mundo da memória, sentada ao sabor da sua
própria tela e às vezes, sentia-se como se existisse num quadro deslocado da
parede. Ou melhor, a mancha que esse quadro ocupou no tempo. E era.

Se arrancasse ao álbum da família uma página onde estivesse, seria aquele
momento que veria. O mar e ela, só.

O irmão, rapaz difuso, recusava sentar-se ao seu lado, nas festas, na igreja, no
sótão, no carrossel, na mesa, mas à custa desta ausência, era sempre quem a
perseguiu e a sombra franzina que ele ostentava, era a nódoa mais fresca que lhe
toldava a infância.

Um, dois, três, macaquinho do Chinês e pulava para o lado que queria, inventava
novas danças e jogos fabricados a giz no chão, dava o passo, fazia a lengalenga,
chamava a *mãe dá licença?*, perguntava *quantos passos?* e respondia, ela própria,
inventando mil vozes de possíveis intervenientes: *trinta, de formiga*.

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 30 - MARIA LUÍSA RIBEIRO -

Depois passava o resto da tarde a imitar o vaguear negro do inseto e aprendia mais nesta zoologia social do que no banco pequeno da escola.

Assim passou os anos mais pequenos da vida.

Agora, na mesma berma do mundo, e na mesma posição de árvore, espera que o vento lhe traga o som feliz dos amigos inventados para as brincadeiras das tardes e o eco dessa toada infantil, dói tanto como se todos eles tivessem morrido.

Até mesmo ela talvez só tivesse sido uma história de criança.



SEIA 2013





AICL - Caderno de estudos açorianos nº 30 - MARIA LUÍSA RIBEIRO -

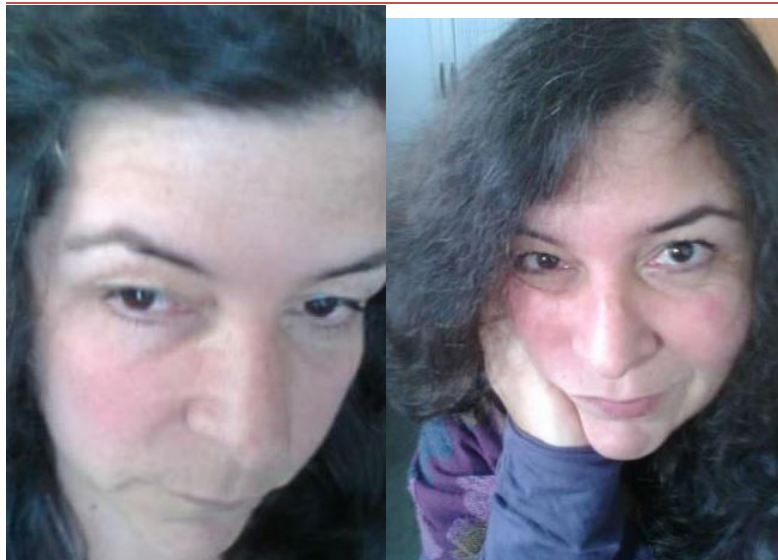


21º COLÓQUIO MOINHOS PORTO FORMOSO 2014

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 30 - MARIA LUÍSA RIBEIRO -



SEIA 2013

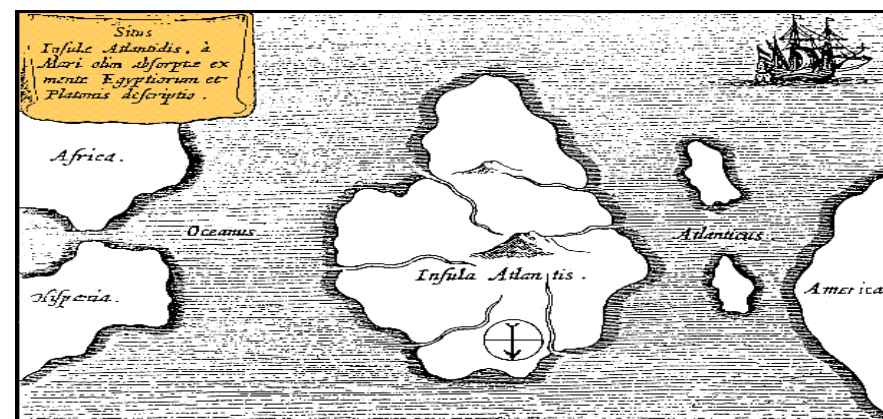


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº # 30 - EDIÇÃO dezembro 2015

DEDICADO A MARIA LUÍSA RIBEIRO



CADERNO Nº # 30 - EDIÇÃO dezembro 2015

DEDICADO A MARIA LUÍSA RIBEIRO

Todas as edições em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

Chrys Chrystello editou este número, Fotos © Chrys Chrystello

COORDENADORES DOS CADERNOS - Helena e Chrys Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

©™®

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA –

Revisto em janeiro de 22

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115